

URBANIZAÇÃO E DESAPARECIMENTO DE BAIRROS BOÊMIOS LATINO-AMERICANOS

Doutora Camila Marcelina Pasqual¹

*“Eu fui à Lapa e perdi a viagem/ Que
aquela tal malandragem/ Não existe
mais...”*

Chico Buarque/Homenagem ao Malandro

RESUMO

Este artigo, intitulado *Urbanização e desaparecimento de bairros boêmios latino-americanos*, objetiva analisar as relações entre modernização, metrópole e subúrbio. Visa, também, examinar a questão do impacto do processo de urbanização sobre o rápido desaparecimento de alguns bairros que ficaram famosos por abrigar uma boêmia significativa e atuante em cidades latino-americanas como Rio de Janeiro e Buenos Aires. O mencionado processo de urbanização apresenta, como um de seus aspectos negativos, a tendência a concentrar seus esforços de melhoria da infraestrutura social nos centros urbanos, em detrimento dos espaços dos subúrbios e das pessoas que ali residem. São utilizadas como parâmetros as contribuições literárias, sobre o tema, de autores como o argentino Jorge Luis Borges e o brasileiro João Antônio. O primeiro, em virtude de sua denúncia sobre o desaparecimento de bairros boêmios da capital portenha, como, por exemplo, o bairro de Palermo. O segundo, devido à crítica que apresenta sobre o descaso das autoridades para com o processo de esquecimento urbano do bairro boêmio da Lapa carioca. Os autores mostram que determinadas manifestações populares e folclóricas vêm sendo paulatinamente destruídas e/ou deformadas pela descaracterização/desaparecimento dos bairros boêmios onde surgiram. As contribuições desses autores serão submetidas ao crivo crítico de Walter Benjamin e Beatriz Sarlo, com o objetivo de verificar a importância da urbanização na alteração de costumes, tradições e folclore das populações urbanas, principalmente nos subúrbios das respectivas metrópoles. Serão alvo de exame os textos *Juan Muraña*, de Borges e *Lapa acordada para morrer* de João Antônio.

Palavras-Chave: Boêmia; Subúrbio; Metrópole; João Antônio; Jorge Luis Borges.

ABSTRACT

This article, intitled *Urbanização e desaparecimento de bairros boêmios latino-americanos*, aims to analyses relations between modernization, metropolis and suburb. Also aims to examine the question of the impact of urbanization process over the fast disappearing of some neighborhoods that became famous due to provide shelter for a significant and actuate bohemia in Latin-American cities such as Rio de Janeiro e Buenos Aires. The mentioned process of urbanization presents, as one of its negative effects, the tendency to concentrate its efforts to improve social infrastructure only in urban centers, in detriment of suburban spaces and the people that lives there. As parameters, are used literary contributions, concerned to the theme, of authors like argentine Jorge

¹ Doutora em Teoria Literária pela Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC. Professora da Faculdade FAEL e Professora QPM pelo Estado do Paraná.(SEED-Curitiba) e-mail:camilapasqual11@hotmail.com.

Luís Borges and brazilian João Antônio. The first, due to his denounce of the disappearance of bohemian neighborhood from Argentinas' capital, such as Palermo neighborhood. The second, due to his critic about the negligence of authorities, regarding the process of urban "carelessness" of bohemian neighborhood of Lapa carioca. These authors shows that certain popular and folkloric manifestations has been slowly destroyed and/or deformed by decharacterization/disappearance of bohemian neighborhood on which it appeared. Contributions of these authors will be submitted to critical analyzes of Walter Benjamin and Beatriz Sarlo, with the aim of verify the importance of urbanization in the changing of habits, traditions and folklore of urban populations, especially in the suburbs of the respective metropolis. The following texts will be target of exams: *Juan Muraña*, of Borges and *Lapa acordada para morrer*, of João Antônio.

Key-Words: Bohemia; Suburb; Metropolis; João Antônio; Jorge Luis Borges.

Embora se possa dizer que desde o surgimento dos agrupamentos urbanos já houvesse locais um pouco distanciados do centro desses núcleos que poderiam receber o nome de subúrbio, foi após a reforma urbana no governo de Napoleão III, na França, que os subúrbios adquiriram a complexidade de sentidos que ostentam atualmente. Na Inglaterra, na mesma época, os subúrbios se relacionam aos projetos das "cidades-jardim" e ocupação dos bosques ao leste de Londres. Na esteira das profundas mudanças sociais, econômicas e políticas trazidas pelas Revoluções Industrial e Francesa, uma gama variada de agentes sociais, representantes de classes sociais tão díspares como a burguesia, o operariado e a aristocracia, passa, simultaneamente, a dividir e disputar o espaço urbano, no afã de atingir seus propósitos de enriquecimento, consumo, ostentação e lazer.

No Brasil, consolidada a recém-instalada República, busca-se a adequação ao processo de modernização², já adiantado no resto do mundo, principalmente na Europa, capitaneada por Paris. Neste período, informa Brito Broca (2004, p. 35), são executados os projetos de urbanização de Pereira Passos, prefeito do Rio, sendo este comparado ao barão Haussmann, um dos principais responsáveis pela urbanização da capital francesa.

Aderindo com atraso ao republicanismo e à abolição da escravatura, cabia agora ao Brasil buscar uma sincronia com a conjuntura típica do capitalismo internacional. Era preciso uma adaptação física que solidificasse a adaptação ideológica. Sobre o processo de "regeneração" do Rio de Janeiro, informa Júlia O'Donnell que:

Conhecido como o 'prefeito do bota abaixo', Pereira Passos aplicou sem comedimento a inspiração parisiense [de Georges Haussmann] e fez da abertura da avenida Central (atual Rio Branco) seu principal projeto. [...] Iniciadas em 1903, as obras da avenida mobilizavam toda a cidade na medida em que se anunciava como o novo centro nevrálgico da urbes. [...] foram demolidas cerca de 1.600 construções residenciais (na sua maioria habitações coletivas) ao longo de cinco meses. Os 1.800m de comprimento e os 33m de largura substituíram inúmeras ruas, imprimindo ao centro da cidade o modelo do novo elitismo e elegância metropolitanos. (O'DONNELL, 2008, pp. 45-46).

2 [...] enquanto, que a modernidade compromete, no seu processo, toda a sociedade, ampliando o raio de expansão de todas as classes, revitalizando e removendo seus papéis sociais, [...] a modernização, pelo seu toque voluntário, se não voluntarista, chega à sociedade por meio de um grupo condutor, que, privilegiando-se, privilegia os setores dominantes. FAORO, Raymundo. **A questão nacional:** a modernização. Estudos Avançados. Universidade de São Paulo, v. 6, n. 14, jan./abr. 1992, p. 08.

A literatura brasileira não poderia, de modo algum, mostrar-se alheia a este processo de modernização. Os escritores percebiam/percebem a lenta e insinuante separação entre cidade e subúrbio, que contribuía, como informa Brito Broca, para que “os velhos costumes recuassem para a zona suburbana. Começaria a acentuar-se um certo antagonismo entre a ‘cidade’, os bairros aristocráticos, de gente fina, dos supercivilizados, e o subúrbio com sua pequena burguesia, de costumes simples”(BROCA, 2004, p. 35). Na América do Sul, por exemplo, destacam-se, em solo argentino, os escritos de Jorge Luís Borges, que reclamava da segregação que se abatia sobre determinados bairros de Buenos Aires: os arrabaldes.

Borges (1899-1986), originário de Buenos Aires, viveu na Europa entre 1914-21 e vivenciou o pesadelo da Primeira Grande Guerra (1914-1918). Neste período, segundo Jorge Schwartz, a Europa fervilhava de novas ideias e experimentos culturais e literários, com Paris como modelo de vanguarda e modernismo, sendo que: “[...] Madri, Moscou, **Buenos Aires**, Milão, Lisboa, etc. são [...] os grandes centros urbanos que passarão a funcionar como caldo de cultura para o encontro e fermentação das novas ideias [grifo meu]” (SCHWARTZ, 1983, p. 5).

O escritor portenho volta, em 1921, a Buenos Aires e se choca com as drásticas mudanças sofridas pela cidade, agora mais moderna e com ares de cidade europeia. O pior choque, porém, é verificar que, simultaneamente, as antigas imagens de sua infância, como os descampados, o arrabal, as ruas quietas, tranquilas e quase desertas, foram destruídas ou radicalmente alteradas pelo avanço do progresso e do modernismo.

Por volta da década de 1960, no Brasil, o contista paulistano João Antônio também critica o processo desumanizante de urbanização que presencia no Rio de Janeiro, através da reconstrução ficcional de um famoso bairro boêmio carioca, a Lapa, que vivera seu esplendor durante o período compreendido entre a década de 1910 e a de 1940.

O objetivo aqui é analisar as relações entre modernização, metrópole e subúrbio, bem como examinar a questão do impacto do processo de urbanização sobre o rápido desaparecimento de bairros boêmios em cidades como Rio de Janeiro e Buenos Aires. Pretende-se, ainda, verificar a importância da urbanização na alteração de costumes, tradições e manifestações folclóricas das populações urbanas, principalmente nos subúrbios das respectivas metrópoles.

Para compreender os diversos aspectos que cercam o processo de urbanização, a dicotomia entre centro e periferia e o efeito disso sobre os costumes, tradições e manifestações folclóricas dos habitantes dos subúrbios, recorrer-se-á ao exame dos contos *Juan Muraña*, de Jorge Luís Borges e *A Lapa acordada para morrer*, de João Antônio.

Juan Muraña, publicado por Borges, em 1970, é um dos típicos contos borgeanos de *cuchilleros* e duelos *criollos*, nos quais sempre se destaca a existência de um destino ou desfecho final cujo desenrolar só é imprevisível, porém, inevitável. A surpresa final é ponto pacífico em todos estes contos e Juan Muraña não constitui exceção. O conto começa com a narrativa de um certo Emílio Trápani ao próprio Borges, de um caso antigo, no qual figurara como personagem principal, o próprio Muraña. Trápani seria sobrinho desse afamado homem da faca do bairro de Palermo, pois a tia de Trápani, Florentina, teria sido casada com Juan. A família Trápani vivia, na época, na passagem *Russel* e corria o risco de despejo por dificuldades financeiras. O dono da casa era um italiano, proprietário de uma barbearia em Barracas. Seu nome: Luchessi. Um dia, quando a mãe de Emílio resolveu procurar o senhor Luchessi para tentar uma prorrogação do aluguel, descobriu, ao lá chegar com o menino, que o locador fora assassinado a punhaladas. Nunca se descobriu o autor do crime. Neste ponto, Emílio Trápani confia a Borges que fora a própria tia, Florentina, quem perpetrara o crime, pois, em suas alucinações de idosa solitária e

perturbada, empunhara uma adaga pertencente a Muraña, escapara de casa e percorrera diversas ruas até chegar em Barracas onde, adentrando a residência de Luchessi, matou-o com a adaga. Borges finaliza o conto dizendo que “Juan Muraña foi um homem que pisou minhas ruas familiares, que soube o que sabem os homens, que conheceu o gosto da morte, que foi depois um punhal e agora a memória de um punhal e amanhã o esquecimento, o comum esquecimento”(BORGES, 2001).

Alguns aspectos interessantes surgem neste conto de Borges. Um deles é a presença indelével e quase palpável do próprio Muraña ao longo da história. Este se mostra aqui mais que um dos famosos “cuchilleros” que perambulavam pelas ruas de Palermo; se mostra como uma figura arquetípica da valentia, da honradez e da coragem dos homens portenhos. Alimentada pelas constantes referências de tia Florentina ao senso de proteção do marido morto, a aura mítica e sobrenatural de Muraña vai se ampliando e envolvendo até mesmo a imaginação infantil do sobrinho Emílio, que chega a sonhar com o tio morto a quem não conheceu: “Juan não vai consentir que o italiano nos ponha para fora’ [...] Em uma dessas noites tive um sonho que acabou em pesadelo. Sonhei com meu tio Juan. Não cheguei a conhecê-lo [...]”.(BORGES, 2001, pp. 51-52) Ao final do conto, o mito de Muraña se consolida e se solidifica na forma de uma adaga que, segundo tia Florentina, pertenceria ao célebre valente portenho. Essa presença do fantástico nos contos de Borges é destacada por Regina Zilbermann e Maria da Glória Bordini:

[...] há o desaparecimento do devir pela fixação de momentos semelhantes que se desdobram em seres humanos e a abolição entre o homem e o meio pela integração de ambos numa totalidade cósmica. Mas há ainda um último deslocamento, para a confrontação do indivíduo consigo mesmo. Todos estes elementos característicos das narrativas fantásticas, ao repetirem-se nos contos diretos, iluminam o verdadeiro caráter destes, embora não impeçam a ambiguidade, tônica da obra borgiana que a preocupação com a fixação das fontes já revelava. Neste ponto, é preciso investigar-se o que funda esta preferência pelo fantástico, que às vezes condensa-se mesmo no mítico. (ZILBERMANN, 1976, p. xxiv)

Outro aspecto é a constante referência ao bairro de Palermo e à casa onde os Trápani moravam. As breves descrições do bairro se entremeiam com as da moradia e mostram que a situação das antigas famílias do lugar era cada vez mais periclitante, um indício de que o processo de urbanização acelerada que se abateu sobre Buenos Aires começava a empurrar uma parte da classe média arruinada cada vez mais para os lados dos subúrbios. O ainda garoto Emílio informa que:

‘Por ocasião do Centenário, vivíamos na passagem Russell, em uma casa comprida e estreita. [...] A casa era de propriedade de um tal senhor Luchessi [...] Minha mãe, que era costureira de carregação, estava na pior. Sem que eu as entendesse completamente, ouvia palavras sigilosas: oficial de justiça, desocupação, despejo por falta de pagamento. Minha mãe estava muito aflita. [...] ‘Eu já me via dormindo nos baldios da rua Serrano ou pedindo esmolas ou com uma cesta de pêssegos...’(BORGES,2001, p. 51)

Essa má situação financeira da família Trápani, assim como a de muitas outras, tem como uma das causas, a concorrência da forte imigração que ocorria naqueles tempos. Sobre isso, alerta Beatriz Sarlo que ideologias políticas, estéticas e culturais se “enfrentam nesse debate que tem Buenos Aires como cenário e, muitas vezes, como protagonista. A

cidade moderna é um espaço privilegiado de uma cultura em processo de transformação”(SARLO, 2008, p. 44), que se organiza na malha densa de uma sociedade estratificada.

Verificamos, neste conto de Borges, que aquelas velhas tradições e manifestações folclóricas dos tempos dos velhos *caudillos*, *compadritos* e *cuchilleros* como Muraña, desapareceram frente ao processo de urbanização e modernização do espaço buenairense, impelindo, para o espaço da mera memória — aquela que Borges tenta recuperar e, ao mesmo tempo, desmitificar —, as suas façanhas, bravatas e bravuras. Como um tango das antigas que vai se esvaindo no ar feito fumaça de fogueira que se apaga.

A *Lapa Acordada para Morrer*, de João Antônio, retrata, de forma ficcional, o bairro boêmio carioca que atingiu o auge da fama nas décadas de 1910 e 1940, como personagem principal deste conto. O lugar, então subúrbio distante, que surgira, a princípio, apenas como praia, tornou-se o reduto de toda uma “fauna” de personagens malandros, malfeitores, prostitutas e artistas boêmios que desenvolviam ali seus dramas de vida. João Antônio alcunha o bairro de “*Montmartre*” e “*Pigalle*” dos pobres, que teria sido definitivamente sepultado pelo rolo-compressor do processo de urbanização em meados de 1974, para dar passagem à Avenida Norte-Sul. Em uma de suas descrições da Lapa dos “bons tempos”, o contista paulistano celebra assim aquela que, no início do século XX, começaria a assumir seu papel de boêmia, amante e malandra:

Famosa pela sua boêmia, vida livre, rosário de cabarés, clubes de jogos, *blitzen* policiais, império, reinado e república da malandragem carioca, paraíso dos sabidos e calvário dos otários, mostruário de mulheres famosas [...] palco de tempos heroicos de vários figurões do presente e de homens de valor em diversos setores [...] Em 1929 atingiu o fastígio e até 38 manteve um fio constante de loucura, reunindo e irmanando músicos populares, políticos, malandros, escritores, artistas, prostitutas, homossexuais e todas as variações de tipos que a elevaram, através da boca e pena de seus cantores e cronistas à condição de Pigalle dos pobres, sem dever grandes favores às matrizes francesas.(ANTÔNIO, 1987, pp. 220-221)

Muitos nomes de peso da música brasileira começaram suas carreiras na Lapa: Pixinguinha, Heitor Villa-Lobos, Francisco Alves e Noel Rosa. Também nomes ilustres da malandragem carioca erigiram fama nos bordéis, cabarés e cafés do bairro, caso de Flores, Camisa-Preta, Meia-noite, Miguelzinho da Lapa, Joãozinho e Mariozinho da Lapa, além de Nelson Naval. O maior de todos, porém, foi Madame Satã, que “misturava valentia, ousadia, toxicomania e sodomia e ficou célebre pelos seus imperdíveis contos (ou golpes) do suadouro e, principalmente, pela fúria dos ciúmes fatais que sentia por certos tipos másculos.”(ANTÔNIO, 1987, p. 223). Em uma briga, devido ao conhecimento da capoeira e da navalha, costumava aguentar três ou quatro adversários simultaneamente.

No conto, os locais onde se desenvolve a vida boêmia se mostram como a essência do bairro enquanto espaço. Entre eles destacavam-se os cabarés, como o Cabaret Brasil Dourado, Casanova, Royal Pigalle Rex e o Night Club Novo México. Havia os bares e cafés-concertos como o Café Bahia e o bar Viena-Budapeste. Nesse meio, instalou-se uma tradição de prostituição de alto padrão para a época, trazendo, em seu bojo, uma enxurrada de crimes passionais, boêmia desregrada e requintes de malandragem que dominaram o período “áureo” do bairro.

Enaltecido o período de prestígio da Lapa, João Antônio passa, então, a resenhar-lhe a queda, motivada, não apenas pelo avanço do progresso modernizador, mas pelo

surgimento de outro bairro cuja concorrência a velha dama boêmia não conseguiu suportar: Copacabana. “Piorando e piorando, como desde 1940, a partir dos primeiros sintomas de uma realidade nova e esmagadora no Rio de Janeiro — o aparecimento de Copacabana — a Lapa foi engolida pelo seu verdugo da Zona Sul.” (ANTÔNIO, 1987, p., 220).

O espaço urbano da Lapa que João Antônio reproduz em sua narrativa tem como característica, condicionar as ações e comportamentos das personagens que nele transitam. Naquele bairro, o indivíduo precisa sobreviver em um espaço pautado pela eterna luta entre o mais esperto, o malandro, e a sua vítima costumeira, o otário. Em certas ocasiões, porém, o próprio malandro pode vir a se tornar otário nas mãos de outro malandro mais esperto ou melhor preparado. Neste espaço lapeano delimitado, informa João Antônio, impera a “lei da selva”, segundo a qual, somente os mais “fortes” devem sobreviver.

Esta “lei da selva” tem como um de seus efeitos mais perversos o tornar o indivíduo um solitário, que se mantém isolado mesmo se imerso na “multidão” de um cabaré, de um bar ou casa de samba. O malandro da Lapa se torna vítima da crise de identidade do homem moderno, fenômeno causado pelo processo de modernização que o leva a agir baseado no raciocínio e quase nunca nos sentimentos.

A multidão, aliás, é um dos pontos de apoio de Baudelaire em sua análise da aridez da vida moderna. Engels, em sua *Situação da Classe Operária na Inglaterra*, citado por Benjamin, já denunciava o alto grau de isolamento individual das populações das grandes metrópoles face às exigências da vida moderna: “Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais estes indivíduos se comprimem num exíguo espaço.” (BENJAMIN, 1989, pp. 114-115).

De certa forma, o “exíguo espaço” mencionado por Engels, é a cidade, dividida dicotomicamente em “centro” e subúrbio. Neste espaço comum, os espaços menores (espaços fechados, mas de fácil acesso, como bordéis, cafés, bares e boates) representam a oportunidade perfeita para estudos sobre a natureza humana e as relações sociais que se criam a partir desse conviver forçado e artificial, pois é neles que se encontram e se entrecrocavam, com maior ou menor intensidade, as personagens, reais ou fictícias, de João Antônio.

Deve-se ter em mente que as metrópoles sul-americanas, portanto periféricas, sofreram e ainda sofrem forte influência das congêneres européias e norte-americanas. Seus governos acabaram copiando e (mal) adaptando os processos de modernização urbana estrangeiros, ignorando as características e peculiaridades de suas próprias cidades e povos, “importando”, assim, uma realidade alienígena e impondo-a à força à população local. Sobre esta “aproximação” entre metrópole e periferia, argumenta Willi Bolle que: “a periferia do mundo se encontra no centro da metrópole, e o quanto de ‘desvario’ e ‘inferno’, próprios das megacidades do Terceiro Mundo, essas gigantescas reproduções deformadas do modelo da ‘metrópole civilizada’, já estavam presentes na ‘capital do século XIX.’” (BOLLE, 2007, p. 1165).

De tudo quanto se possa analisar sobre os dois contos em pauta, alguns fatos se podem apreender. Em primeiro lugar, tanto em Buenos Aires como Rio de Janeiro ou outra metrópole periférica qualquer, a já mencionada divisão entre campo e cidade e entre “centro” urbano e bairros periféricos se faz sentir. Ao “centro” passaram a ser atribuídas as características de civilização, modernidade, avanço e progresso. Ao arrabalde, ao subúrbio, à periferia, são associadas características negativas como atraso, conservadorismo, subdesenvolvimento e falta de cultura.

Em segundo lugar, estas relações dicotômicas entre “centro” e bairros periféricos acabam afetando a vida boêmia nesses últimos, por mais distantes que se encontrem do

“centro”, tendendo a mesma a desaparecer. Um das razões para isso, é o avanço do processo de modernização, que requer um comportamento legal e jurídico da população do local e que, portanto, não comporta a existência do contraventor, do marginal, do malandro. Desaparecendo o malandro, o bairro boêmio acaba por se tornar, como diria João Antônio, um “bairro de família”.

Por fim, seja em *Juan Muraña*, seja em *A Lapa Acordada para Morrer*, nota-se que o avanço da modernização afeta os costumes e tradições dos moradores dos bairros suburbanos. O próprio desaparecimento dos “homens da faca” do bairro de Palermo ou dos malandros notórios da Lapa carioca leva ao esquecimento das suas façanhas, amores, desamores e tragédias pessoais, que antes, costumavam inspirar os compositores de tangos ou sambas que exaltavam seus feitos. O “centro” urbano, que costumeiramente possui o “dom” de formar opinião, induz o próprio habitante dos subúrbios a renegar seus antigos costumes e manifestações folclóricas e incorporar as novidades de comportamento e pensamento vindos do centro “civilizado”.

REFERÊNCIAS:

ANTÔNIO, João. **Malagueta, Perus e Bacanaço e Malhação do Judas carioca**. São Paulo: Clube do Livro, 1987.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Trad. José Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. **Obras Escolhidas** v. 3.

_____. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BOLLE, Willi. “Um painel com milhares de lâmpadas” metrópole e megacidade. In: BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2007.

BORGES, Jorge Luis. **O Informe de Brodie**. Trad. Hermilo Borba Filho. São Paulo: Globo, 2001.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil Ø 1900**. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2004.

SARLO, Beatriz. Jorge Luis Borges, um escritor na periferia. Trad.: Samuel Titan Junior. São Paulo: Iluminuras, 2008.

SCHWARTZ, Jorge. **Vanguarda e cosmopolitismo na década de 20**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

ZILBERMANN, Regina; BORDINI, Maria da Glória. Ensaio introdutório. In: BORGES, Jorge Luis. **O Informe de Brodie**. Porto Alegre: Globo, 1976.